

# RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO FEMININO NO CAMPO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM MEIO À CRISE COVID-19

## RESISTANCE AND FEMALE PROTAGONISM IN THE FIELD: EXPERIENCE REPORTS IN THE MIDST OF THE COVID-19 CRISIS

Joyce Amaral Ribeiro<sup>1</sup>, Laila Ubbi Baldochi<sup>1</sup>, Carolina Leite da Silva<sup>1</sup>, Joice Santos Franciscatte<sup>2</sup>, Adriana Estela Sanjuan Montebello<sup>3</sup>, Marta Cristina Marjotta Maistro<sup>3</sup>

### RESUMO

*A prática da agricultura pressupõe os papéis de homens e mulheres e as hierarquias de gênero existentes nas famílias destinam ao homem atividades externas ao ambiente doméstico, ou seja, o trabalho produtivo, e às mulheres o trabalho reprodutivo, também conhecido como trabalho doméstico ou de cuidados. Atualmente a luta das mulheres rurais vêm conquistando reconhecimento e reorganizando sua atuação no campo de forma ativa, rompendo desigualdades e conquistando seu protagonismo. Através de quatro relatos de experiência de mulheres rurais, esse trabalho na metodologia SWOT faz uma análise de como a autonomia da mulher no campo impulsiona a soberania popular, os desafios enfrentados durante a pandemia de 2020 e 2021 e dificuldades como a invisibilidade e desvalorização econômica de todo serviço realizado. Oportunidades e ameaças diante a crise social e sanitária da Covid-19 ocorrem em diferentes níveis e demandam capacitação em estratégias de inovação, dentre as quais se destaca a adaptação à realidade virtual no trabalho e a inserção em novos canais de comercialização.*

**Palavras-Chave:** Agricultura Familiar; Empoderamento; Economia Feminista.

### ABSTRACT

*The practice of agriculture presupposes the roles of men and women and gender hierarchies in families designate to men activities outside the domestic environment, the productive work, and to the women the reproductive work, also known as domestic or carework. Lately, the struggle of rural women has been gaining recognition and actively reorganizing their work in the fields, breaking inequalities and conquering their own protagonism. This work analyzes, through SWOT methodology, four experience reports of rural women and how women's autonomy in the countryside drives popular sovereignty, the challenges faced during the 2020 and 2021 pandemic and difficulties such as invisibility and economic devaluation of all the services done. Opportunities in the context of Covid-19's social and health crisis are faced at different levels and demand skills in innovation strategies, among which are adaptation to the virtual reality at work and insertion in new marketing channels.*

**Keywords:** Family Agriculture; Empowerment; Feminist Economics.

---

<sup>1</sup> [joyceribeiro@estudante.ufscar.br](mailto:joyceribeiro@estudante.ufscar.br) - UFSCar Araras - CCA, PPGADR

<sup>1</sup> [laila.ubbi.baldochi@gmail.com](mailto:laila.ubbi.baldochi@gmail.com) - UFSCar Araras - CCA, PPGADR (aluna especial)

<sup>1</sup> [clsilva@estudante.ufscar.br](mailto:clsilva@estudante.ufscar.br) - UFSCar Araras - CCA, PPGADR

<sup>2</sup> [joicefranciscatte@gmail.com](mailto:joicefranciscatte@gmail.com) - UFSCar - Sorocaba

<sup>3</sup> [adrianaesm@ufscar.br](mailto:adrianaesm@ufscar.br) - Docente UFSCar Araras - CCA, PPGADR

<sup>3</sup> [marjotta@ufscar.br](mailto:marjotta@ufscar.br) - Docente UFSCar Araras - CCA, PPGADR

## INTRODUÇÃO

A agricultura familiar aporta diversidades de contextos e para compreendê-los é necessário ter um olhar para a capacidade de resistência às transformações (também diversas) que encaram (WANDERLEY, 2003). Como a pandemia do Coronavírus (COVID-19) que os atingiu em cheio, um novo cenário e entrave a ser enfrentado surgiu, assim se adaptando e encontrando novos canais de comercialização. Com isso, uma análise delicada deve ser feita afim de identificar problemas e auxiliar em soluções vindo de nós pesquisadores para esse grupo (FILHO et al., 2021).

Uma reflexão feita por Schneider et al. (2020) descreve de forma fiel esse momento de múltiplas crises, focando no setor agrícola já se percebe alta dos preços devido a inflação, agricultores deixando de colher, pois não havia quem comprasse ou dificuldade de acesso (feiras livres comprometidas). A demanda de alimentos continua, mas percebe-se dificuldades dos dois lados, consumidores que sofrem com a alta dos preços, e produtores que tiveram que se reinventar. É um quadro preocupante, mesmo com a vacinação avançando, a crise da pandemia ainda nos cerca, com efeitos sistêmicos e imprevisíveis afetando cada dia mais o sistema alimentar brasileiro, muitas vidas foram perdidas e isso pode causar consequências severas em produções familiares (GRALAK et al., 2020; SALAZAR et al., 2020).

De acordo com o Decreto nº 9.064 de 31 de maio de 2017, a Unidade Familiar de Produção Agrária (UFPA) entende-se como conjunto de indivíduos da mesma família que produza atendendo sua subsistência e demanda da sociedade por alimentos ou serviços, onde no mínimo metade da força de trabalho e geração de renda vem da família (PLANALTO, 2017). Tal dinâmica de produção que passa por transformações mais diversas da sociedade e resiste, se adapta aos desafios do desenvolvimento rural. A economia solidária e camponesa são símbolos dessa resistência e busca de mudanças do paradigma dominante capitalista no campo. Aqui destacamos as mulheres como atores sociais ativos nessas transformações, em evidência sua trajetória contribui para o rompimento de hierarquias, redefinindo lugar e tempo de trabalho produtivo e reprodutivo. A procura por alternativas sustentáveis e coletivas só começa onde existem processos de resistência, a soberania popular só existirá com a autonomia das mulheres (FARIA, 2009).

FARIA (2009) ainda destaca que a economia dominante inviabiliza e oculta contribuições econômicas e teóricas das mulheres, em contraponto a economia feminista além de questionar essa dominação, da visibilidade as mulheres. Onde o trabalho doméstico passa despercebido nas análises econômicas, que possui valor, mas é visto como inferior e submisso comparado ao trabalho masculino, principalmente se focarmos no meio rural, onde a mulher

além de desempenhar o trabalho no campo, também realiza o doméstico, e este é contabilizado? A divisão sexual do trabalho deve ser discutida.

É uma relação hierárquica e desigual que designa aos homens trabalhos produtivos e as mulheres trabalhos reprodutivos (DANIELE KERGOAT, 1996). Essa ideia capitalista se perpetua no meio rural, onde o trabalho no campo é visto como uma continuação do seu trabalho visto como principal e natural: o doméstico e do cuidado maternal.

É preciso refletir e dialogar para compreensão do que estamos passando, Ulrich, La Paz e Ströher (2020) cita que a teologia feminista tem como primeiro passo e elemento chave a experiência, onde a diversidade de experiências contribuem para reconhecimento de identidade e conhecimento. Assim partiremos para relatos de experiência como meio de identificação de problemáticas e elementos que não são vistos a princípio.

Portanto, este trabalho teve como objetivo descrever, por meio de relatos de experiência a fim de destacar e fortalecer o protagonismo e a luta das mulheres em seus trabalhos produtivos e reprodutivos no campo em meio à crise. A metodologia se baseará na análise SWOT para identificação de dificuldades, oportunidades, estratégias de inovação e desafios enfrentados no período da pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, nos resultados e discussão serão sistematizados para discussão dos objetivos da pesquisa, e nas considerações finais uma reflexão dos pontos principais levantados e possíveis novas sugestões de pesquisas futuras.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho foi realizado com quatro mulheres produtoras e empreendedoras, das quais duas residem no estado de São Paulo e duas no estado de Minas Gerais. Não serão revelados a identidade das participantes. Devido à dupla jornada e respeitando a quarentena, as entrevistas foram realizadas de forma online via WhatsApp, a fim de obter as informações de vivências, principais dificuldades, oportunidades, estratégias de inovação e desafios enfrentados no período de pandemia da COVID-19, nos anos 2020 e 2021. E ao longo de todo processo as participantes estavam cientes da metodologia e concordaram com a publicação dos resultados.

Para realização do trabalho utilizou-se a metodologia descritiva, em que foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada através de perguntas bases e norteadoras (QUADRO 1) para condução e construção do diálogo com as mulheres.

Quadro 1: Perguntas base para o roteiro

<p>1. O protagonismo feminino está nas práticas desenvolvidas dia a dia pelas mulheres que lutam pela terra, por reconhecimento seja com o trabalho exercido dentro de suas casas ou no mercado de trabalho e empreendedorismo. Entendemos ser necessário desenvolver a visibilidade das mulheres, você concorda em seguirmos com essa temática a partir desse diálogo?</p>	<p>2. Apresente brevemente sua vivência, direcionamento de trabalho e os desafios de ser uma mulher produtora rural.</p>
<p>3. Quais são as dificuldades enfrentadas durante a pandemia? Houve mudanças ou adaptações em relação à produção e beneficiamento dos produtos? (Considerar insumos externos e internos, colaboradores na equipe, comunicação, transporte e condições especiais como cursos por exemplo).</p>	<p>4. Conte-nos sobre os impactos econômicos durante a pandemia e seus desdobramentos. Quais mercados foram acessados e os canais de comercialização utilizados durante este período? Houve alguma mudança na comercialização?</p>
<p>5. Referente a embalagens, rótulos e comunicação visual, como seu produto é apresentado? Houve adaptações para atender novas necessidades da pandemia?</p>	<p>6. Quais estratégias têm usado para fazer o marketing dos produtos e a comercialização? Surgiram novas demandas de inovação?</p>
<p>7. Possui preocupações quanto à sustentabilidade do produto oferecido?</p>	<p>8. Quais são as perspectivas em um cenário pós-pandêmico?</p>

## ANÁLISE SWOT

Após a construção do roteiro de entrevistas, afim de sistematizar as respostas, foi utilizado a análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats), uma metodologia norte-americana, matriz SWOT, também conhecida como análise FOFA (Forças, Oportunidades,

Fraquezas e Ameaças) baseando-se no estudo de Silva, Levino e Silva (2012), que evidencia como uma ferramenta de fácil visualização e entendimento sobre os perfis de mulheres agricultoras que vivem em diferentes condições.

Este tipo de análise se baseia em quatro pilares: Forças, onde são descritas características internas que representam vantagens; Oportunidades, onde destaca as situações positivas externas para melhorias; Fraquezas, onde são descritas características internas que representam desvantagens; Ameaças, onde destaca situações negativas externas que podem prejudicar (SEBRAE, 2013).

Segundo Abichequer (2011), tem como objetivo reunir os principais elementos (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças) e relacioná-los uns com os outros a fim de facilitar a tomada de decisão e listando os pontos favoráveis e desfavoráveis das questões internas e externas do objeto em análise.

Assim, para este trabalho a aplicação da metodologia descrita será utilizada para identificação de dificuldades e reconhecimento da identidade e protagonismo das mulheres no campo em meio a pandemia da COVID-19.

## **RESULTADOS**

A partir do diálogo construído nas entrevistas, impactos gerados, canais e estratégias utilizados, comercialização e entre outros pontos chaves, foram sistematizados no diagrama adaptado de Filho et al. (2021) onde o quadro 2 nos ajuda a identificar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças enfrentadas pelas produtoras.

Levando em consideração o ambiente interno, destaca-se entre todas os canais online de comercialização via redes sociais, como uma forma de reinvenção e adaptação, por outro lado também nota-se dificuldades com as vendas com diminuição, mudanças na comercialização e reajustes de preços. Quanto a fatores externos, enquanto uma pretende expandir, outra já está satisfeita com a demanda que tem, e ainda reuniões online e cursos de capacitação são novas realidades, além da valorização dos produtos. Entretanto existe o medo de contaminação e também problemas e dependência do poder público.

Quadro 2: Análise SWOT das respostas obtidas por meio da entrevista semiestruturada, considerando pontos chave no enfrentamento da pandemia COVID-19.

<p><b>FORÇAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produtora 1: Apesar de ter seus produtos valorados, os preços de insumos externos e a cota de entrega também aumentaram, gerando para ela um impacto econômico</li> <li>• Produtora 2: Cumprindo com todos os protocolos de higienização e cuidados, e com a estratégia inicial de vendas via redes sociais e WhatsApp, controlou as dificuldades.</li> <li>• Produtora 3: Realiza trocas e coleções de sementes entre produtores e de uma agricultura que se auto sustenta. O marketing é feito por meio das mídias sociais, como Instagram, Facebook e WhatsApp</li> <li>• Produtora 4: Como estratégia, a produtora passou a realizar as vendas em feiras online e através do Instagram</li> </ul>	<p><b>FRAQUEZAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produtora 1: Em decorrência do período pandêmico, houve uma pausa nas entregas e na produção, sendo essa a sua maior dificuldade nesse período.</li> <li>• Produtora 2: No período pandêmico, ela teve como maior dificuldade a venda dos produtos, em função da redução de custo dos consumidores e a comercialização. Conforme os aumentos dos insumos externos e os reajustes de preços que vem acontecendo, ela foi economicamente impactada. Aumento dos insumos externos e os reajustes de preços que vem acontecendo, impactando economicamente</li> <li>• Produtora 3: Por não utilizar insumos externos, ela não sentiu impacto em sua produção.</li> <li>• Produtora 4: No período pandêmico, a maior dificuldade enfrentada foram as idas às feiras específicas de produtos orgânicos que não aconteceram, em função da saúde do marido, o que ocasionou uma diminuição das vendas.</li> </ul>
<p><b>OPORTUNIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produtora 1: Estratégia de vendas via WhatsApp, pretendendo expandir para redes sociais e também conta com a sua demanda garantida pelo</li> </ul>	<p><b>AMEAÇAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produtora 1: Depende do PAA.</li> <li>• Produtora 2: Por possuir pais idosos, houve o medo da contaminação da COVID-19</li> <li>• Produtora 3: Não relata</li> </ul>

retorno do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) estadual

- Produtora 2: Atualmente não é necessário a ampla divulgação dos produtos via redes sociais, pois já tem demanda forte.
- Produtora 3: Durante a pandemia a produtora manteve sua rotina de trabalho “na roça” e diz que o trabalho na horta está sendo considerado um privilegio por possuírem ar livre e Sol. As reuniões de trabalho e cursos online/remoto passaram a fazer parte de sua realidade e tendo uma boa aceitação. A pandemia trouxe novos clientes, valorizando não só os produtos alimentícios como também a qualidade e o estilo de vida do campo. Novas parcerias no setor do agroecoturismo trouxeram novos hospedes interessados em isolamento e contato com a natureza.
- Produtora 4: As dificuldades com a organização financeira nesse período trouxeram a produtora a buscas por cursos online, levando-a a otimizar seu tempo com os cursos e a se organizar financeiramente.

- Produtora 4: O descaso do poder público com a manutenção das estradas rurais, o que dificultou muito a logística.

## DISCUSSÃO

A Produtora 1 vive em comunidade Quilombola, localizada num bairro rural no interior de São Paulo. A comunidade, hoje composta por 10 famílias, possui cerca de 80 pessoas e foi recentemente reconhecida pela Fundação Palmares como remanescente dos quilombos. Ela vive na comunidade há 15 anos. Produz, em maiores quantidades, chicória, beterraba e repolho, que eram destinados à merenda escolar. Em decorrência do período pandêmico, houve uma pausa nas entregas e na produção, sendo essa a sua maior dificuldade nesse período, mas com o retorno do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) estadual, a produtora está voltando com o plantio. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB (2021) dentro do programa, cerca de 74% dos agricultores beneficiários são mulheres, assim somando 23 mil produtoras responsáveis pelo fornecimento dos produtos do PAA. Ainda se ressalta que comunidades tradicionais, como as quilombolas representam 15% do PAA, assim destacando ainda mais o protagonismo da entrevistada. Tem como perspectiva para o futuro, em suas palavras, “Planejo poder vender meu produto de uma maneira mais livre, ter um carro com o qual eu possa sair para oferecer meu produto, uma propaganda além das redes sociais, espero que a procura aumente, que as demandas sejam maiores”.

A produtora 2, atualmente produtora de queijo, vive em sítio, localizado também no interior de São Paulo. Iniciou, em 1993, junto a seu pai, com a criação de vacas leiteiras para a produção de leite e queijo. Inicialmente por falta de contato não tiveram muito sucesso nas vendas do queijo e iniciaram as vendas de leite para uma cooperativa, a qual permaneceram por 20 anos e em 2019 a cooperativa encerrou as atividades com ela e os demais produtores da região. Como saída, sua mãe e suas tias voltaram com a produção e venda do queijo, tendo sucesso nas vendas. A divisão de trabalhos dentro da agricultura familiar visa o objetivo de manutenção da família, destaca a atuação das mulheres participando da renda, nas atividades de produção e venda dos produtos somando ainda com os cuidados da casa e filhos, uma jornada dupla ou até mesmo tripla como diz Silva (2015) e Araújo, Costa e Lemos (2020). A perspectiva de futuro nas palavras da produtora: “Esperamos que normalize, que os preços melhorem, para podermos continuar fazendo as vendas e entregas”.

A produtora 3 é chefe de cozinha e mora há 12 anos em seu sítio, o qual possui certificação orgânica por meio do Sistema Participativo de Garantia, e está localizado no interior do estado de Minas Gerais. A propriedade possui histórico de agroturismo costuma receber hóspedes para a imersão vegana e macrobiótica, assim, a produtora tem a intenção de movimentar mutirões rotativos, formando uma rede de produtores agroflorestais que se apoiam, mas tem como barreira a zona rural em que vive, por possuir poucos produtores com foco na

produção em diversidade de alimentos. Muitos se encontram contratados pela indústria local de cogumelos champignon ou ainda na cultura do leite.

Possui uma produção diversificada como: batata doce, batata yacon, alho, cúrcuma e um cultivo de agroflorestal, com foco em tubérculos e outros sazonais, e destina-se a consumidores locais e a uma rede de associados a qual participa. O modelo capitalista contribui para a desigualdades no campo, porém com o relato dessa produtora percebe-se um empoderamento e autonomia, ponto de destaque, uma vez que o espaço de poder da mulher bate de frente a este modelo, mas ainda devemos levar em consideração de que apesar de ser algo positivo, a classe social e a raça podem ser fatores que intensificam a opressão e a desigualdade no campo (ARAÚJO, COSTA e LEMOS, 2020). A produtora traz em sua fala a perspectiva de: “Estamos vendo muita gente construindo casa no campo, tenho perspectivas de expandir no agroecoturismo”.

A produtora 4 há 11 anos a produtora cultiva oliveiras orgânicas no sítio, localizado também no interior de Minas Gerais. Possui uma agroindústria familiar em que realizam o beneficiamento das oliveiras, ou seja, extração do azeite, preparo conserva de azeitonas e desidratação das folhas para produção de chá de oliveira. E desempenha a função administrativa, comercial (compra e venda dos produtos) e relacionamentos interpessoais.

A venda dos produtos abrange todo o Brasil e para sua distribuição é necessário o deslocamento até a transportadora, localizada em outro município. Por possuir uma preocupação ecológica com o beneficiamento das oliveiras, todos os resíduos de produção são compostados e devolvidos à terra, finalizando o ciclo. É realizado trabalhos para cuidar da nascente e evitar assoreamento na captação de água. O que diferencia esse relato é também o protagonismo em relação a conservação dos recursos naturais, fica claro a atuação da mulher nas mais diversas atividades, como comercialização, inovação, perseverança, organização, liderança e ainda conservação da biodiversidade. A produtora ressaltou em seu relato a importância de se ter “mulheres pesquisando mulheres” e concluiu dizendo: “Me sinto honrada em fazer parte dessa pesquisa, principalmente envolvendo mulheres, é muito importante falarmos sobre esse assunto. Me sinto honrada em participar e apoiar as mulheres da pesquisa”.

Todas as mulheres, mesmo estando em lugares e condições diferentes, se mostraram protagonistas e atoras de transformações no campo. Todas as vivências relatadas são ditas como base da agroecologia, uma relação horizontal e valorização do trabalho feminino no campo contribuem para a construção de melhores condições de trabalho, assim como fomentar a conquista de igualdade de gênero no campo (NEVES, SEBASTIANI e DE OLIVEIRA, 2021).

## **CONCLUSÃO**

O atual e tradicional modelo de trabalho no campo evidencia o dever das mulheres em desempenhar papel de coadjuvantes, limitadas aos serviços reprodutivos que não são economicamente valorizados e aumentando a carga de responsabilidade, tornando invisíveis suas contribuições dentro dessa cadeia de produção. Entretanto, a partir dos relatos e discussões levantadas o protagonismo feminino é apontado como potencial sustentação de cadeias cíclicas e completas de trabalhos produtivos e reprodutivos, ressaltando-as como atrizes de transformações no campo. Nesta importância, as possibilidades de construção de novas práticas econômicas que equilibrem a produção e reprodução, levam o desenvolvimento sem dissociação de gênero.

A urgente demanda em adaptação em meio a pandemia Covid-19 se desmembra em dificuldades e novas oportunidades, onde ficou evidente a força de ação das mulheres rurais em estudar uma nova realidade para enfrentar as novas modalidades de trabalho, agora possuindo novos canais de comercialização, entregas adaptadas às normas de segurança sanitária além da necessidade em se criar outras formas de obtenção de renda. A partir disso é explorado não apenas novos produtos de valor agregado, mas também setores como ecoturismo, que devido ao distanciamento social necessário, ganhou forte tendência no durante a pandemia.

## REFERÊNCIAS

- ABBICHEQUER, C. C. **Elaboração de planejamento estratégico**: estudo em uma empresa franqueadora de calçados e acessórios. Porto Alegre, 2011.
- ARAÚJO, L. A.; COSTA, T. M. M. DA; LEMOS, T. DE C. S. Mulheres no campo. **Revista Campo-Território**, v. 15, n. 36 Jul., p. 88-111, 3 jul. 2020.
- Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB (2021). Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/3798-em-ano-de-pandemia-apoio-a-comercializacao-pelo-paa-garante-r-7-mil-por-agricultor-familiar>>. Acesso em: 19/10/2021.
- FARIA, N. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. **Estatísticas rurais e a economia feminista**: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, p. 11-28, 2009.
- FILHO, P. H. P. et al. Agricultura Familiar, Resiliência e Covid-19: Um Estudo Sobre Os Impactos da Pandemia a Partir da Análise Swot nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. **In: Anais do 59º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) & 6º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC)**. Anais...Brasília(DF) UnB, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/soberebpc2021/341659-AGRICULTURA-FAMILIAR-RESILIENCIA-E-COVID-19--UM-ESTUDO-SOBRE-OS-IMPACTOS-DA-PANDEMIA-A-PARTIR-DA-ANALISE-SWOT-NO>>. Acesso em: 19/10/2021.
- GRALAK, S et al. COVID-19 and the future of food systems at the UNFCCC (**UN Framework Convention on Climate Change**). v.4, n. 8, E309-E311, August 01, 2020.
- KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do Trabalho, in Lopes, Marta Julia (e outras). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- NEVES, G. C.; SEBASTIANI, R.; DE OLIVEIRA, R. E. Mulheres Agricultoras e Agroextrativistas e Seu Papel na Conservação da Biodiversidade e na Promoção da Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.
- PLANALTO. DECRETO Nº 9.064, DE 31 DE MAIO DE 2017. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm)> Acesso em: 13/10/2021
- SALAZAR, L. et al. Retos para la agricultura familiar en el contexto del Covid-19: Evidencia de Productores en ALC. **Banco Interamericano de Desarrollo**. 2020.
- SCHNEIDER, S. et al. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados** [online]. 2020, v. 34, n. 100 [Acessado 11 Outubro 2021],

pp. 167-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011>>. Epub 11 Nov 2020. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011>.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Como elaborar um plano de negócios**. Brasília: SEBRAE, 2013. Disponível em: <[https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/COMO%20ELABORAR%20UM%20PLANO\\_baixa.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/COMO%20ELABORAR%20UM%20PLANO_baixa.pdf)>. Acesso em: 19/10/2021.

SILVA, L. C.; LEVINO, N. A.; SILVA, L. S. Desenvolvimento Sustentável e agricultura familiar: uma análise SWOT. **In: XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção**, 2012, Bento Gonçalves - RS. XXXII ENEGEP, 2012.

SILVA, S. P.; MATOS, J. C. As Mulheres Camponesas E A Produção Invisível Da Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 9, n. 4, feb. 2015. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/16418>>. Acesso em: 24/10/2021.

ULRICH, C. B.; LAPAZ, N. I. N. de; STRÖHER, M. J. **MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA**: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino! *Estudos Teológicos*, [S.L.], v. 60, n. 2, p. 554, 12 nov. 2020. Faculdades EST. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4101>. Acesso em: 16 mai. 2021.

WANDERLEY, M. de N. B.. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, CpdA/Ufrirj, v. 11, n. 2, p. 58-59, out. 2003.